

João Grand Jr.¹

Cidade, cultura e desenvolvimento:
perspectivas e desafios para a economia
cultural-criativa do samba-carnaval carioca

*City, culture and development:
prospects and challenges for the cultural and creative
economy of Rio's samba carnival*

Resumo

O artigo discute as perspectivas de mobilização produtiva das culturas do samba e do carnaval na cidade do Rio de Janeiro à luz da atual agenda da economia criativa. A partir das noções de sistemas territoriais de produção (Maillat, 2002) e de ativos e recursos específicos (Pecqueur e Colletis, 2005), analisamos o papel do samba-carnaval como catalisador de interações estratégico para as dinâmicas de desenvolvimento territorial. Debatesmos ainda, em linhas gerais, algumas das contradições derivadas das formas de apropriação do samba-carnaval no atual projeto de cidade e seus possíveis efeitos sobre as dinâmicas da criatividade social local.

Palavras-chave: Cidades criativas. Samba. Carnaval. Desenvolvimento territorial.

Abstract

The aim of this article is to discuss the prospects for productive mobilization of the cultures of samba and carnival in the city of Rio de Janeiro considering the current agenda of the creative economy. In view of the notions of territorial production systems (Maillat, 2002) and specific assets and resources (Pecqueur and Colletis, 2005), this study analyzes the role of samba carnival as a strategic catalyst for interactions to promote the dynamics of territorial development. Besides that, the article discusses some of the contradictions derived from forms of samba carnival appropriation in the current city planning and its possible effects on the dynamics of local social creativity.

Keywords: Creative cities. Samba. Carnival. Territorial development.

¹ Área de formação: Bacharel e licenciado em Geografia pela UFRJ, Doutorando em Geografia Econômica pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Atual vinculação institucional: Geógrafo do Instituto Pereira Passos e pesquisador do Laboratório de Gestão do Território – LAGET/UFRJ.

1 Introdução

O artigo examina as perspectivas de mobilização produtiva das culturas do samba e do carnaval carioca tendo em vista a atual agenda da economia criativa na cidade do Rio de Janeiro. Analisaremos o papel desta manifestação cultural como catalisador de interações sociais e produtivas enfatizando seu caráter estratégico para as dinâmicas de desenvolvimento territorial.

Com esta abordagem, destacamos a centralidade do samba-carnaval em promover dinâmicas de coordenação entre os atores locais e de criar ambiências favoráveis às trocas de informações e conhecimentos na cidade. Estas dinâmicas se expressam como competências territoriais na medida em que respondem pela formação de redes de cooperação social produtiva e que se constituem como práticas sociais de valorização de processos de criação colaborativa, dos laços de confiança e de solidariedade, das relações de reciprocidade e dos sentimentos de pertencimento (comunidade). Nos marcos da economia cultural-cognitiva (Scott, 1997, 2005), estes fatores podem ser apreendidos como recursos e ativos territoriais específicos capazes de potencializar as dinâmicas de criatividade social local. A reciprocidade, por exemplo, nos termos apresentados por Pecqueur em sua reflexão sobre os recursos específicos, aparece como uma importante instância de mediação que permite a reinvenção e a sobrevivência dessas dinâmicas apesar das adversidades e das pressões de mercado.

[...] As características dessa reciprocidade, em comparação com o mercado, são que, se a troca é "obrigada" (obrigação social), ela pode ser adiada no tempo (o prazo de devolução esperado pode ser muito flexível), e mesmo, essa devolução não é necessariamente monetária, pode ser expressa em confiança, consideração, gratidão ou saber. A reciprocidade fertiliza os recursos específicos e está assim, muitas vezes, na base de relações informais que compõem um "ambiente industrial", no sentido entendido por Marshall ao descrever certas concentrações de pequenas unidades industriais na Inglaterra ou Alemanha do início do século XIX. Mais sistematicamente, o sentimento de pertencimento a um lugar ou a um ofício, a cultura de empresa ou ainda o "espírito da casa" fazem parte dos recursos específicos (VEBLEN, 1899/1971). O recurso específico produzido num processo de construção territorial, tomado globalmente, aparece, então, como o resultado de longos processos de aprendizagem coletiva que levam ao estabelecimento de normas, na maioria das vezes tácitas. Tais normas têm a função de organizar, selecionar e hierarquizar a informação, como também de orientar ou guiar os comportamentos, oferecendo assim a cada ator do território um espaço de inteligibilidade e de ação (PECQUER, 2005, p.15).

A partir da Escola Francesa da Proximidade (BOUBA-OLGA et al, 2008), propomos inscrever a complexa e vaga noção de "força do samba-carnaval" numa perspectiva de "força do lugar", conforme abordada pela nova geografia econômica (RON MARTIN, 1996; GERTLER, 2010). Trata-se, nestes termos, de considerarmos a hipótese do papel singular do samba-carnaval na criação de recursos específicos e na produção de externalidades que alimentam a economia do imaterial na cidade e que, portanto, são essenciais às estratégias de desenvolvimento territorial à luz do capitalismo contemporâneo.

Destacamos três aspectos referentes à força desta manifestação cultural: (i) sua expressão espacial, caracterizada por uma forte territorialização e pelos efeitos de aglomeração produzidos na cidade, (ii) sua força de agregação social proveniente da atmosfera da festa e, (iii) sua ampla inserção no tecido produtivo metropolitano, conectando diferentes redes de atividades econômicas.

O atual projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, impulsionado pela realização de grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, segue gerando controvérsias de diferentes naturezas. No campo das ações que visam mobilizar a cultura como um vetor de desenvolvimento urbano, o samba e o carnaval cariocas se distinguem como patrimônio cultural singular e importante ativo econômico. Neste cenário, duas tendências principais se constituem em disputa na cidade. De um lado, a perspectiva voltada ao desenvolvimento da economia criativa e à mercantilização da festa, com destaque para o espetáculo das escolas de samba e avançando cada vez mais para a incorporação do carnaval de rua. Esta orientação reflete, sobretudo, os interesses econômicos de grandes empresas ligadas ao setor de entretenimento na cidade. De outro lado, a recente reinvenção das festas de rua pelos blocos e pelas rodas de samba cria possibilidades alternativas de mobilização produtiva do samba-carnaval, muitas vezes escapando às lógicas mainstream das indústrias criativas. Diante deste quadro, o texto se debruça sobre as contradições e os conflitos derivados das formas de apropriação destas culturas, sublinhando os possíveis efeitos do atual processo de modernização da cidade sobre as dinâmicas de criatividade social local.

2 Desenvolvimento territorial: um percurso a partir das noções de recursos e ativos específicos

Seguindo uma tendência mundial, a modernização da cidade do Rio de Janeiro define a economia criativa como um de seus pilares de desenvolvimento. Esta perspectiva visa fortalecer as indústrias criativas como estratégia de reposicionamento da cidade no mercado mundial de bens e serviços culturais/criativos. Os últimos três Planos Estratégicos da Cidade (2009-2012, 2013-16 e 2017-2020, Visão Rio500) ilustram esta orientação em ações como os programas Rio Capital da Indústria Criativa (moda e design, audiovisual), Rio Capital do Turismo e o projeto Porto Maravilha de revitalização da zona portuária, Rio Cidade Criativa.

Neste cenário, a cultura do samba-carnaval tem sido cada vez mais apropriada pelo marketing urbano e pelos interesses econômicos das indústrias do espetáculo e do turismo. No entanto, alguns estudos têm demonstrado os limites e as contradições destes modelos de renovação urbana baseados essencialmente na exploração do valor econômico da cultura e na centralidade das indústrias culturais/criativas como atores produtivos (ROY-VALEX; POIRIER, 2010; VIVANT, 2012; THÖRN, 2011).

A partir das noções de recursos e ativos específicos (PECQUEUR, 2005; PECQUEUR, BENKO, 2001; PECQUEUR; COLLETIS, 2005), propomos um deslocamento da centralidade conferida a uma lógica setorial pautada essencialmente no incentivo às *indústrias criativas (firmas)*, para um olhar sobre as dinâmicas territoriais de

interação produtiva que se efetivam na cidade. Aqui recorreremos aos argumentos de Bernard Pecqueur para pensar o horizonte do desenvolvimento territorial,

[...] o desenvolvimento territorial designa todo processo de mobilização dos atores que leve à elaboração de uma estratégia de adaptação aos limites externos, na base de uma identificação coletiva com uma cultura e um território.[...] o desenvolvimento territorial não pode ser implementado por decreto; permanece uma construção dos atores, mesmo que políticas públicas apropriadas possam estimular e mobilizar esses atores. Essa construção só pode ser concebida como uma dinâmica e, portanto, inserida no tempo.[...] Em outros termos, a dinâmica de desenvolvimento territorial visa revelar recursos inéditos, e é nisso que constitui uma inovação (PECQUEUR, 2005, p.12).

Esta abordagem nos ajuda a pensar o papel do samba-carnaval como articulador de dinâmicas territoriais de interação social e de coordenação produtiva que ocorrem na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, nossas análises não se restringem ao horizonte de ação das indústrias criativas: nem do ponto de vista das lógicas de produção, baseadas essencialmente na apropriação econômica da cultura; nem do ponto de vista espacial, não se limitando aos tradicionais espaços de produção e consumo do espetáculo de carnaval (a Cidade do Samba e o Sambódromo). Ao contrário, a noção de recursos territoriais específicos destaca o caráter central das trocas não mercantis: a força da reciprocidade como competência territorial. Assim, os recursos são constituídos como um patrimônio territorial (uma riqueza comum) que não se exprime exclusivamente ou principalmente por seu valor econômico.

Diferentemente de um capital que se constitui da destruição e da apropriação, um patrimônio, segundo B. Billaudot, se constitui da 'conservação' e da 'transmissão'. Um patrimônio seria composto de recursos livres – recursos-externalidades e recursos-produtos – criados, disponibilizados e reproduzidos em uma estrutura social em função das atividades que se desenvolvem.

Um recurso-externalidade seria assim uma externalidade positiva [...] constituída em recurso; enquanto um recurso-produto livre seria um produto (convertido em recurso) de livre acesso [...] (PECQUEUR; COLLETIS, 2005, p. 10, tradução livre).

Os recursos e os ativos específicos são considerados como fatores de concorrência espacial que diferenciam os territórios. Os primeiros refletem as condições singulares dos territórios onde foram forjados, ou seja, eles não podem ser transferidos. Já os ativos específicos podem ser transferidos, apesar do seu alto custo de deslocamento.

	Genérico	Específico
Recursos	(1) Fatores de localização não utilizados, discriminados pelos preços e o custo do transporte (cálculo, otimização)	(4) Fatores incomensuráveis e intransferíveis nos quais o valor depende da organização que os criou
Ativos	(2) Fatores de localização não utilizados, discriminados pelo preço e o custo do transporte (cálculo, otimização) - alocação ótima dos ativos	(3) Fator comparável onde o valor é ligado a um uso particular: - custos de irreversibilidade - custos de reatribuição

Quadro 1 – Tipologia dos fatores de concorrência espacial
Fonte: Benko; Pecqueur (2001)

Nestes termos, a cultura do samba-carnaval se caracteriza como um bem comum que se inscreve no domínio dos recursos específicos: um patrimônio imaterial territorializado. A reinvenção recente das festas de rua pelos blocos e pelas rodas de samba reflete a espontaneidade, a autonomia e a capacidade de auto-organização das forças subjacentes a esta cultura. A ambiência da festa na cidade do Rio de Janeiro se caracteriza, assim, como um fator central das dinâmicas de criatividade social local ao potencializar os encontros e as trocas entre a pluralidade das formas de vida que se constituem na cidade.

Trabalhamos a ideia de criatividade social como uma potencialidade que se exprime como um “saber vivo” e colaborativo constituído a partir das interações entre os diferentes tipos de saber (técnico, científico, artístico e da experiência). Acreditamos que a potência transformadora e geradora de inovações deste tipo de inteligência coletiva e territorializada se situa na capacidade fornecer respostas originais às questões de diferentes naturezas e cujas soluções não estão prescritas em manuais ou softwares; ou seja, nos casos em que as soluções codificadas (padronizadas) não são suficientes frente aos desafios que surgem (Boutang, 2012). Assim, a criatividade social se alimenta das experiências de comunicação que ganham amplitude nas cidades: neste ponto reside a importância dos efeitos de aglomeração e das dinâmicas de proximidade. Conforme destaca André Gorz.

[...] o saber de que se trata aqui não é composto por conhecimentos específicos formalizados que podem ser aprendidos em escolas técnicas. Muito pelo contrário, a informatização revelou as formas de saber que não são substituíveis, que não são formalizáveis: o saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação (GORZ, 2005, p.9).

Trata-se de um saber que se manifesta como atividade social e produz relações comunicativas. Em outras palavras, nos referimos às formas de saber territorializados que traduzem a multiplicidade de narrativas sociais coexistentes e que conformam as diferentes espacialidades e temporalidades locais.

Esquemáticamente, destacamos dois níveis de interação na constituição da criatividade social: (i) o global, viabilizado pelas novas redes telemáticas, se caracteriza como o espaço, por excelência, de circulação de informações e de conhecimentos passíveis de codificação (reprodutíveis e mais facilmente deslocáveis); (ii) o local que se alimenta das interações produzidas nos espaços do cotidiano e se exprimem nos conteúdos produzidos e ressignificados a partir dos códigos e valores das culturas locais. Neste sentido, a transferência desses conhecimentos é inviabilizada em razão do custo elevado e de seu caráter intangível e não codificável; eles são vinculados ao contexto onde foram forjados. Consequentemente, eles traduzem as especificidades locais.

Essa leitura tem por base o entendimento de que a globalização da economia não se manifesta essencialmente pela desterritorialização dos processos produtivos (BENKO; LIPIETZ, 1994). Ao contrário, inúmeras experiências têm demonstrado a força das dinâmicas locais na construção das vantagens competitivas (PORTER, 1989; VELTZ, 1999). Trata-se, assim, de afirmar que paralelamente a uma lógica a-espacial da economia industrial (fordista), emergem sistemas produtivos cujo dinamismo depende altamente de sua ancoragem territorial: os sistemas territoriais de produção (MAILLAT, 2002; PECQUEUR, 2009).

A partir destas considerações, propomos uma análise centrada no papel do samba-carnaval como um vetor de criação de recursos e de produção de externalidades que alimentam a criatividade social e a economia do imaterial na cidade do Rio de Janeiro. Destacamos a força desta cultura em produzir dinâmicas de proximidade que, de um lado, mobilizam uma grande variedade de atores sociais e redes de produção e, de outro, conectam diferentes realidades socioespaciais (centros e periferias) e imaginários simbólicos da cidade.

Neste sentido, defendemos a ideia de que as interações sociais e produtivas constituídas a partir das escolas de samba, dos blocos de rua e das rodas de samba se exprimem como externalidades através de processos como a (i) socialização de informações e conhecimentos, (ii) aprendizagem coletiva e cooperação produtiva assim como a (iii) consolidação de experiências associativas baseadas na confiança.

3 A cidade e a festa: a cultura do samba-carnaval para além do espetáculo

Em 2013, o Ministério do Turismo do Brasil publicou uma nota intitulada “A matemática do samba” destacando o impacto do carnaval no turismo e na criação de empregos e divisas no país. Deste ponto de vista, o carnaval carioca é o mais importante do país. Segundo estimativas da Secretaria Especial de Turismo da cidade do Rio de Janeiro, o carnaval de 2013 recebeu um público superior a 5,3 milhões de pessoas, das quais 1,2 milhões de turistas, e as receitas realizadas foram em torno de US\$ 848 milhões. Enquanto o orçamento público foi da ordem de R\$ 35 milhões.

Historicamente, este tipo de abordagem quantitativa focada no evento se caracteriza como a principal via de análise para pensar as dimensões produtivas do carnaval. No entanto, convém destacar alguns limites destas análises e, por consequência, das perspectivas de desenvolvimento que elas exprimem.

A primeira consideração é sobre o período de análise ser baseado no calendário do evento. Os desfiles das principais escolas de samba (Grupo Especial e Série A) são organizados em cinco dias, divididos entre o campeonato (de sexta-feira à segunda-feira) e o desfile das campeãs (no sábado seguinte). Contudo, a produção dos desfiles transcorre ao longo do ano todo, mobilizando de forma contínua diferentes profissionais e redes produtivas. Neste contexto, a Cidade do Samba assume um papel estratégico ao pôr em contato muitos dos principais profissionais do carnaval do país. As interações que aí ocorrem são estratégicas para a qualificação de uma mão-de-obra que atua também em outros campos da cultura: teatro, circo, televisão etc. No entanto, esta dimensão é geralmente negligenciada nestas análises².

² Um grande número de profissionais não possuem formação técnica ou universitária. Os conhecimentos que eles dispõem derivam da experiência. Assim, por exemplo, muitos desses profissionais não figuram nas estatísticas oficiais que usam a instrução formal (universidade) como critério de qualificação profissional (este é um dos limites das técnicas de mensuração da chamada classe criativa).

O período de desfiles dos blocos de rua é mais extenso, sobretudo porque muitos deles não se submetem ao calendário do carnaval fixado pela Prefeitura. Há alguns anos, ocorre no início de Janeiro a Abertura Não Oficial do Carnaval de Rua, um evento organizado de forma autônoma por alguns desses blocos. Assim, o período de ocupação das ruas da cidade pela atmosfera da festa de carnaval pode se estender por meses. Além disso, é frequente a presença de blocos de rua em eventos privados (festas etc.), em intervenções artísticas de rua ou em manifestações políticas na cidade ao longo do ano.

As rodas de samba não são vinculadas ao calendário do carnaval. Estas tradicionais reuniões de celebração da cultura do samba ocorrem ao longo de todo o ano em praticamente toda a cidade: nas ruas e praças, nos bares e clubes, nas sedes das escolas de samba ou de blocos carnavalescos etc. Dessa forma, elas desempenham um papel chave para a constituição da sinergia entre a cidade e a festa.

Em segundo lugar, essas estatísticas revelam principalmente o universo do trabalho formal e priorizam certos setores como o turismo e a indústria do espetáculo. Dessa forma, elas contribuem pouco para a análise da economia informal que é, sem dúvida, representativa na cidade. Elas ignoram ainda a potência criativa das dinâmicas não mercantis que, em geral, são animadas pelo desejo de participar da festa e pela paixão à cultura do samba-carnaval. Por exemplo, inúmeros blocos de rua não possuem qualquer tipo de subvenção pública ou privada. Muitos deles têm desenvolvido mecanismos alternativos de financiamento: *crowdfunding*, realização de oficinas de percussão, organização de festas etc. Isso ajuda a preservar sua autonomia política e cultural.

A metáfora da polinização sintetiza algumas das ideias aqui mobilizadas para discutir os limites destas abordagens quantitativas sobre o valor do samba-carnaval. Conforme destaca Yann Moulier Boutang,

Os sistemas vivos complexos são caracterizados por interações múltiplas, em geral invisíveis. O que o economista consegue enxergar e capturar na trama grosseira da produção de mercadorias corresponde a apenas uma pequena fração desta produção. O invisível que constitui as externalidades representa a parte submersa do iceberg, os $\frac{3}{4}$ da realidade (BOUTANG, 2012, p. 78).

Ou seja, não se trata de mensurar a produção das abelhas apenas pela quantidade de mel e cera produzidos, mas de destacar seu papel estratégico no processo de polinização e, conseqüentemente, de manutenção da biodiversidade.

Assim, sugerimos pensar as escolas de samba, os blocos de rua e as rodas de samba como espaços de germinação de recursos e de externalidades, indo além da perspectiva que os classifica simplesmente como produtos culturais. Em outros termos, eles atuam como nós estratégicos em uma complexa rede de interações sociais e produtivas que constituem o sistema territorial de produção do samba-carnaval na cidade.

Características como a expressão espacial, a força de agregação da cultura da festa e a ampla inserção do tecido produtivo conferem ao samba-carnaval uma capacidade singular de mobilização produtiva na cidade. A figura 1, elaborada a partir das informações do Portal do Carnaval³, ilustra como a produção do carnaval carioca é capaz de mobilizar e conectar uma grande diversidade de profissionais e atividades econômicas. Trata-se de um sistema aberto que contribui para o desenvolvimento de interações criativas na cidade. Neste contexto, a ambiência da festa é um ingrediente chave para as dinâmicas de encontros e de trocas. Conforme destaca Claval (2011, p. 30), “a festa coloca em contato ambientes diversos. De um a outro, trocam-se ideias, copiam-se práticas. Misturas e empréstimos fazem nascer novas práticas e novas imagens do corpo social”. Assim, os saberes e informações socializados são reinterpretados e enriquecidos em circulação na cidade. Daí a importância dos efeitos de aglomeração e das dinâmicas de proximidade viabilizados pela extensão e densidade dessas manifestações.

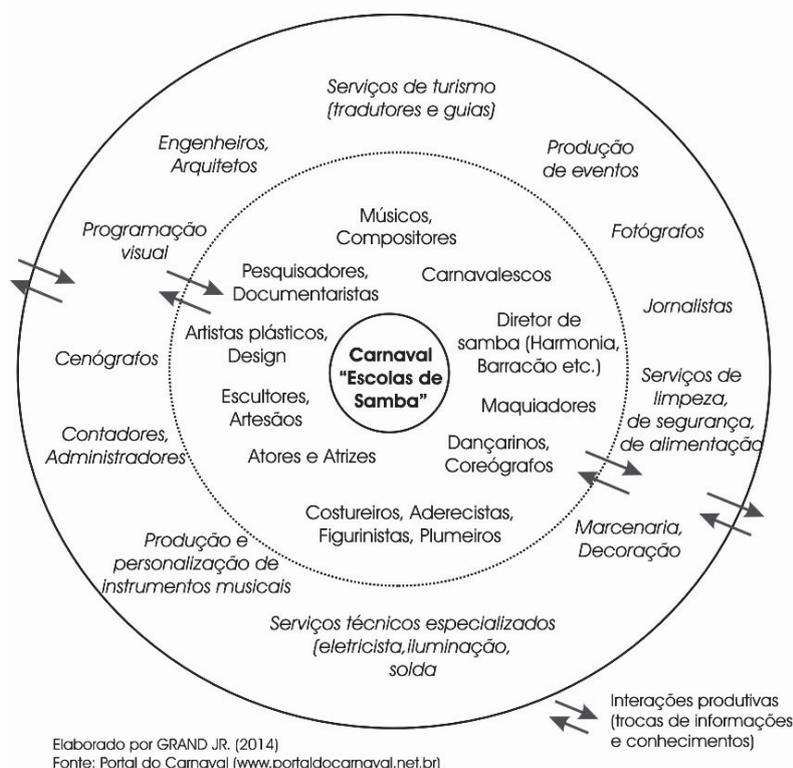


Figura 1 – Perfis profissionais e setores econômicos envolvidos na produção dos desfiles das escolas de samba.
 Fonte: Portal do Carnaval, www.portaldocarnaval.net.br

De uma perspectiva geográfica, a figura 2 mostra a distribuição espacial e as aglomerações que têm como centro as Rodas de Samba, as Escolas de Samba e os Blocos de Rua na cidade. Estão representadas apenas as manifestações que ocorrem na cidade do Rio de Janeiro.

³ O Portal do Carnaval é uma rede social desenvolvida pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Este projeto foi financiado pelas instituições FINEP e SEBRAE. Seu objetivo é ampliar as possibilidades de trabalho e negócios entre os agentes culturais vinculados à economia criativa do carnaval no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.portaldocarnaval.net.br/portal>>.

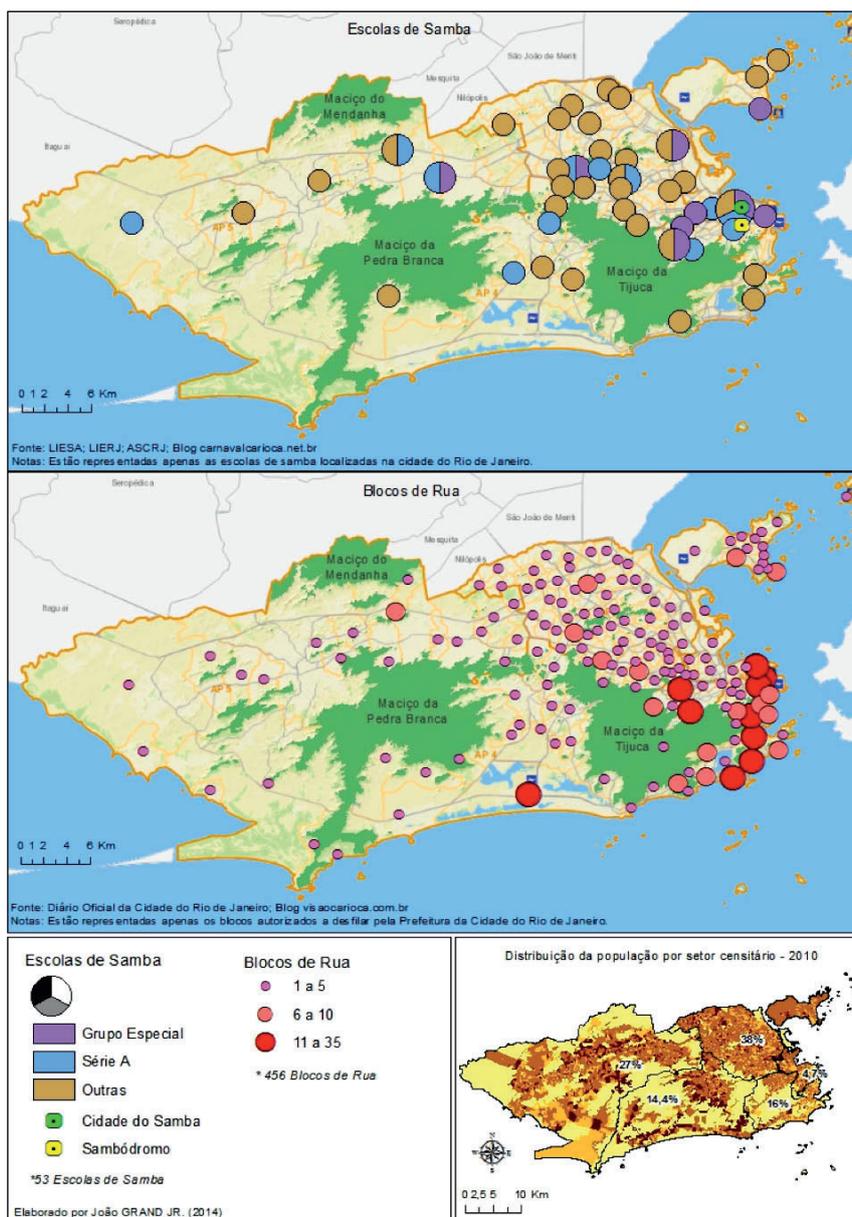


Figura 2 –Distribuição espacial das escolas de samba (Grupo Especial e Grupos de Acesso A, B, C e D) que desfilaram no carnaval 2015 e dos blocos de rua do carnaval 2014
 Fonte: LIESA, LIERJ, ASCRJ, Blog carnavalcarioica.net.br, Diário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro, Blog visaocarioca.com.br

No carnaval carioca, existem mais de 50 escolas de samba disputando o campeonato. Elas são organizadas hierarquicamente em diferentes divisões, sendo o Grupo Especial⁴ representado pelas 12 principais escolas de samba de cada ano.

As outras escolas são organizadas entre os diferentes grupos de acesso: Séries A⁵, B, C e D. Diferentemente das escolas de samba, os aproximadamente 500 blocos que desfilam e ocupam as ruas da cidade, não disputam um campeonato. Não há uma uniformidade entre os mesmos, nem estética, nem com relação às formas de organização e de atuação na cidade: há “blocos-coletivos culturais” que priorizam uma abordagem mais política em suas práticas; “blocos-empresas” que se pautam na produção e comercialização de eventos; blocos amadores de bairro cujo objetivo principal é a reunião de amigos etc. As rodas de samba também possuem diferentes formatos e conceitos. Há aquelas acústicas que priorizam a participação do público na construção do ritual. Nestes casos, em geral o conceito é reforçar a ideia da roda de samba como elemento central e não um ou outro artista. Há rodas que priorizam um repertório de sambas mais tradicionais, outras preferem sambas mais comerciais identificados por um público de grande abrangência. Há as rodas de rua e aquelas que ocorrem em espaços fechados, mas cujo acesso é gratuito, como é o caso da tradicional roda de samba do Cacique de Ramos que ocorre todos os domingos na sede do bloco em Olaria. A extensão espacial destas manifestações (fig. 2) ilustra a força da construção social do samba e seu processo de territorialização na cidade do Rio de Janeiro desde o início do século XX. Assim, esta manifestação cultural conecta diferentes realidades socioespaciais (centros e periferias) e imaginários simbólicos da cidade.

O Sambódromo e a Cidade do Samba se destacam entre as principais infraestruturas públicas destinadas a promover o espetáculo do carnaval na cidade. O Sambódromo, construído em 1984, é o palco de desfiles das principais escolas de samba do Rio de Janeiro: Grupo Especial, Grupo de Acesso Série A e as Escolas Mirins. Após a recente reforma (2011-2012) sua capacidade passou a ser de 72.500 pessoas. A Cidade do Samba, construída em 2006, é um complexo de aproximadamente 92 mil m² e reúne os centros de produção de carros alegóricos e de fantasias das escolas de samba do Grupo Especial. Além das funções de equipamento cultural e turístico, ela contribui igualmente para potencializar as interações entre os profissionais do carnaval que partilham este mesmo espaço de trabalho.

Atualmente, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro avalia a construção de duas outras Cidades do Samba para abrigar as escolas de samba dos grupos de acesso e as escolas mirins. Esta intenção demonstra o caráter estratégico do samba-carnaval para a economia da cidade. Trata-se de um jogo que mobiliza atores econômicos importantes: as indústrias de mídia, do espetáculo, do turismo, de bebidas, da publicidade etc.

⁴ No que se refere aos desfiles das Escolas de Samba, além de recursos públicos, há também recursos privados. O Grupo Especial concentra a maior parte desses recursos. É difícil conhecer o valor exato investido em cada desfile, mas algumas estimativas apontam uma média de 4,5 milhões de reais investidos por cada escola. No entanto, existem desfiles que ultrapassam os 10 milhões de reais.

⁵ As escolas de samba do grupo de acesso dispõem de menos recursos. Recentemente as 15 Escolas da Série A começaram a desfilar no Sambódromo, se juntando às Escolas do Grupo Especial e às Escolas Mirins. Isto contribuiu para aumentar a visibilidade e a capacidade de financiamento destas escolas e, por consequência de fortalecer o sistema produtivo do carnaval na cidade.

No entanto, a lógica da economia criativa contribui também para intensificar as tensões e os conflitos, sobretudo no que concerne às formas de apropriação dos valores pecuniários e simbólicos desta manifestação cultural. Dentre as questões que se distinguem, ressaltamos: (i) o reforço de um ponto de vista baseado na privatização da cultura do samba-carnaval como produto cultural e (ii) a distribuição assimétrica dos ganhos provenientes da exploração de um bem comum. Assim, a defesa da economia criativa como um modelo de desenvolvimento inclusivo em si (Reis, 2008; Santos-Duisenberg, 2008) é insuficiente sem que sejam construídos mecanismos (leis, regras etc.) capazes de romper com a lógica de apropriação privada da riqueza gerada pela produção social. Apesar de certos avanços, as condições de trabalho no mundo do samba-carnaval são, em geral, ainda bastante precárias e desiguais. Conforme matéria publicada pelo jornal O Globo (KOPSCHITZ, 2013), um levantamento realizado pelo SEBRAE-RJ em 2012 revelou que 70% dos profissionais que trabalhavam na época para as escolas do Grupo Especial eram informais.

A recente retomada dos espaços públicos da cidade e a reinvenção das festas de rua pelos blocos e pelas rodas de samba a partir de meados dos anos 2000 têm mostrado novas perspectivas de mobilização produtiva do samba-carnaval. O fortalecimento do carnaval de rua pôs em evidência uma mudança qualitativa nas formas de viver a experiência da festa e da cidade. De um lado, ele contribuiu para relativizar o imaginário da Cidade Partida estimulando as pessoas a se deslocar pela cidade em busca de novas experiências de festa. De outro, ele reforçou uma concepção de participação que não se limita à condição de espectador (consumidor do espetáculo). As pessoas buscam cada vez mais se integrar à festa a partir de dinâmicas nas quais produção e consumo se misturam. O recente aumento da demanda por atividades ligadas ao imaginário da festa, como as oficinas de percussão e de pernas de pau (MATTOS, 2015), por exemplo, ilustra esta nova realidade e contribui para fortalecer as dinâmicas de criatividade social na cidade.

No seio desse movimento surgem novas formas de organização como o grupo Desliga da Justiça, formado por blocos de rua que se opõem às formas de regulação da festa e de uso do espaço público definidas pelo poder público. Estes blocos optaram por não se submeter às exigências para a autorização do poder público para desfilar durante o carnaval. Em 2012, eles produziram um Manifesto do Carnaval de Rua Carioca:

A retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro é um processo histórico e singular. Alguns se lembram das pequenas aglomerações que começaram a ressurgir no final do século passado, em diversos lugares da cidade, relembrando marchinhas, apresentando a própria noção de carnaval para uma nova geração. Esse momento foi mais que a retomada do carnaval, ele foi o momento da retomada da rua, de uma rua que andava há muito esquecida. Sem nenhum esforço do poder público, sem o patrocínio de uma marca de cerveja, sem qualquer cobertura da TV, espontânea e coletivamente a multidão tomou à força o que já lhe pertencia: nosso espaço comum. [...]

Devemos ser agentes, criando novos caminhos que se bifurcam, inventando o que não foi inventado, criando novas identidades e negando as imposições arbitrárias ou as tentativas de privatização do espaço público. [...]

O carnaval é e sempre será um ato político. É a incorporação da arte no cotidiano. Lutar para preservar sua potência é lutar por uma rua que nos é sempre tirada. [...] (CURIOSIDADE, 2012)

Durante o carnaval de 2014, no âmbito das manifestações que ocuparam as ruas do Brasil, uma forte mobilização social ocorreu em torno do movimento OcupaCarnaval. Este movimento também produziu um manifesto com conteúdo similar (fig. 3). Estas manifestações refletem um quadro de contradições e conflitos existentes na cidade. Assim, as críticas dirigidas ao modelo de apropriação das culturas do samba-carnaval evidenciam também os limites de uma perspectiva de modernização urbana baseada em lógicas comerciais de exclusão (ou de inclusão



precária e desigual) dos diferentes grupos sociais.

Figura 3 – Manifesto do OcupaCarnaval, cidade do Rio de Janeiro, 2014

Fonte: Movimento OcupaCarnaval

4 A força das dinâmicas locais: viver e fazer a cidade de outra forma

A zona portuária da cidade do Rio de Janeiro é um laboratório privilegiado para refletir sobre as dinâmicas territoriais de interação produtiva e sobre os conflitos existentes na cidade. O projeto Porto Maravilha é um dos mais estratégicos do atual processo de modernização. Esta região desempenha um papel central nas ações de atração de investimentos para a formação de clusters criativos e para a dinamização do turismo na cidade. O desenvolvimento deste processo resalta dinâmicas ambivalentes que traduzem a complexidade dos conflitos territoriais e da ação dos diferentes atores envolvidos.

De um lado, a renovação urbana desta área é caracterizada por ações como: (i) as desapropriações realizadas pelo poder público notadamente no Morro da Providência (a primeira favela do Brasil) e (ii) a gentrificação, que avança em razão de um contexto de fragilidade de políticas de habitação social na área. De outro lado, como reação, as forças locais se reorganizam de maneira criativa em ações de resistência que se manifestam em diferentes frentes: (i) no restabelecimento de nexos comunitários e de solidariedade, (ii) na revalorização da herança cultural negra territorializada e (iii) na emergência de novas articulações produtivas.

Fora do circuito mainstream da economia do samba-carnaval, algumas experiências têm mostrado formas alternativas de mobilização da cultura do samba-carnaval para o desenvolvimento territorial. Experiências recentes de ocupação cultural e produtiva da Pedra do Sal ilustram estas dinâmicas que frequentemente escapam às políticas públicas e às estatísticas econômicas que privilegiam os grandes números.

Situada na zona portuária, a Pedra do Sal é um lugar de referência histórica da cultura negra e do samba na cidade do Rio de Janeiro. Nos últimos anos, as atividades ligadas à cultura do samba-carnaval, tais como as rodas de samba e os blocos de rua, têm contribuído para a retomada cultural e econômica desta área. Algumas destas experiências se inscrevem no contexto da retoma do carnaval de rua na cidade a partir de meados dos anos 2000. Destaca-se aqui o papel ímpar desempenhado pelo Bloco Escravos da Mauá, fundado em 1993, tanto por seu pioneirismo na ocupação cultural dessa área da cidade quanto por seu papel na articulação de inúmeros atores locais ligados à produção cultural.

Debruçaremos-nos, no entanto, sobre o caso específico da roda de samba que ocorre às sextas-feiras, desde 2009, na Pedra do Sal. Este evento reúne uma multidão de pessoas provenientes de diferentes partes da cidade assim como turistas nacionais e estrangeiros. À primeira vista, esta roda de samba se distingue por sua importância econômica para o comércio local. No entanto, ela se caracteriza igualmente como meio privilegiado de interação e de coordenação de novas redes sociais e produtivas na cidade. Assim como também ocorre com os blocos de rua e as escolas de samba. A complexidade e o potencial das dinâmicas produtivas que se verificam nesses “ambientes culturais-criativos” são extremamente ricas na medida em que mobilizam uma grande diversidade de atores e fazem dialogar diferentes práticas de trabalho e lógicas econômicas na cidade.

A partir de trabalho de campo e de entrevistas realizadas em função da tese em curso, elaboramos este esquema (fig. 4) para ilustrar as múltiplas interações produtivas que emergem da roda de samba em questão. De um lado, os círculos ilustram a ideia de centralidades e as lógicas territoriais. De outro, as linhas ilustram a ideia de fluxo e as lógicas em rede. Enquanto redes, as ações dos atores locais ganham amplitude conectando outros atores e áreas da cidade. Em geral, estas dinâmicas são baseadas em relações de afeto e de solidariedade, pois os atores envolvidos frequentemente partilham de trajetórias e/ou expectativas comuns.

Atentos à crescente demanda por atividades vinculadas ao imaginário da festa na cidade, alguns músicos desta roda de samba criaram em 2011 uma oficina de percussão e um bloco. Esta oficina foi o primeiro segmento de uma rede que se expande incorporando novas frentes de ação e mobilizando diferentes atores: poder público (CDURP)⁶, pequenos empreendedores locais, associações sem fins lucrativos, profissionais liberais e inúmeros colaboradores.

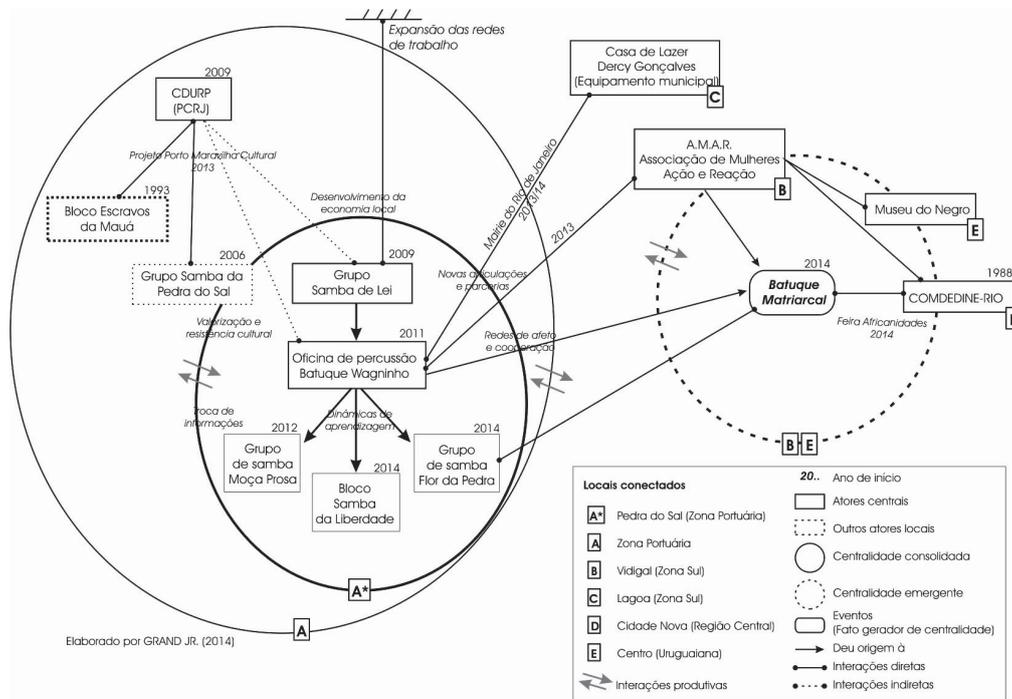


Figura 4 – Dinâmicas territoriais de interação e coordenação produtiva a partir do caso da Pedra do Sal
 Fonte: Levantamento de campo realizado pelo autor

O grupo de samba Moça Prosa, composto exclusivamente por mulheres, nasceu em 2012 como fruto das interações constituídas neste ambiente. Em seguida, este grupo se profissionalizou e atualmente também se apresenta uma vez por mês na Pedra do Sal, além de ter se afirmado como uma importante representação da participação das mulheres no mundo do samba na cidade. Alinhada a essa experiência de protagonismo das mulheres no samba, uma nova parceria se desenvolveu

⁶ Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região Portuária do Rio de Janeiro (CDURP). Atualmente esta empresa desenvolve um trabalho importante de financiamento de iniciativas locais baseadas na cultura.

em 2013 com a Associação de Mulheres Ação e Reação (A.M.A.R.)⁷, sediada na favela do Vidigal. O objetivo era mobilizar a cultura do samba como ferramenta de terapia para o tratamento de mulheres vítimas da violência doméstica.

Em 2014, esta parceria entre a oficina de percussão e a A.M.A.R. deu origem ao projeto Batuque Matriarcal, um encontro de celebração da cultura afro-brasileira tendo como elemento central uma roda de samba composta por mulheres. Outros projetos se aproximaram posteriormente ao Batuque Matriarcal, como a Feira Cultural Africanidades dirigida pela COMDEDINE-RIO⁸. Esta feira tem como objetivo viabilizar a comercialização da produção de pequenos empreendedores que trabalham a temática da cultura afro-brasileira: artesãos, artistas plásticos, costureiras etc. Este é apenas um exemplo dos muitos que ganham força na cidade tendo as rodas de samba como elementos catalisadores. Um dos destaques desse cenário é a Feira das Yabás que ocorre na Praça Paulo da Portela, em Oswaldo Cruz, entre outros casos.

Ao mesmo tempo em que estas dinâmicas se revelam potentes por sua capacidade de estimular o desenvolvimento de soluções criativas de inserção socioeconômica e de transformação social pela cultura, elas também se revelam frágeis em razão da valorização econômica dos territórios: o risco de gentrificação. Esta é uma das contradições que ilustram a ambiguidade da atuação do poder público.

De um lado, o samba é utilizado como ativo estratégico para a cidade (sobretudo para o marketing urbano) num contexto de mobilização da cultura como alavanca de desenvolvimento. No atual quadro de modernização da cidade, enormes investimentos públicos são destinados à recuperação e à construção de importantes equipamentos culturais. Na zona portuária, se destacam a recuperação do Centro Cultural José Bonifácio, a construção do MAR (Museu de Arte Rio) e do Museu do Amanhã⁹. De outro lado, esse processo parece ignorar ou subestimar a força das experiências constituídas pelos atores locais como dinâmicas de desenvolvimento transformadoras, apesar de sua importância econômica e de sua contribuição às dinâmicas de criatividade social na cidade.

5 Conclusão

O artigo discute as contradições derivadas das formas de apropriação da cultura do samba-carnaval na cidade do Rio de Janeiro, destacando as diferentes perspectivas de desenvolvimento. Chamamos atenção para o papel do samba-carnaval como vetor de criação de recursos e de produção de externalidades que reforçam a criatividade social e os sistemas produtivos locais.

⁷ A A.M.A.R. foi criada para ajudar mulheres vítimas da violência doméstica.

⁸ COMDEDINE-RIO – O Conselho Municipal de Defesa dos Direitos dos Negros é uma organização de consulta e de integração da comunidade negra vinculada à Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www0.rio.rj.gov.br/comdedine/>>.

⁹ Este museu foi concebido pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava e é um dos principais símbolos da revitalização urbana da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro.

A partir de uma perspectiva do desenvolvimento territorial alicerçada nas noções de recursos e ativos específicos, entendemos ser imperativo que os mecanismos de mobilização produtiva do samba-carnaval reconheçam suas diferentes dimensões: cultural (expressão artística e de formas de vida), econômica (produção, trabalho e lazer) e política (luta pelo direito à cidade). Destacamos ainda que a criatividade social abriga múltiplas possibilidades: de inovações econômicas voltadas ao mercado até inovações de caráter social e institucional capazes, inclusive, de questionar o atual estado de coisas. No entanto, um debate orientado por uma perspectiva reducionista de economia criativa tende a limitar a riqueza e a potência transformadora da criatividade social local expressa nas manifestações do samba-carnaval à simples condição de mercadoria.

Esta perspectiva ignora as relações simbióticas entre ativos e recursos específicos, como o fato de que os ativos derivam da mobilização produtiva dos recursos, mesmo se estes não se traduzem necessariamente em mercadorias. As escolas de samba, os blocos de rua e as rodas de samba são peças fundamentais às dinâmicas de proximidade territorial na cidade do Rio de Janeiro. Estas manifestações atuam como meios de interação face a face, potencializando as trocas de informações e conhecimentos e a emergência de novos processos criativos na cidade. Assim, a cultura do samba-carnaval se mantém viva e se renova a partir das experiências do cotidiano: nos desejos motivados pelo imaginário da festa, nas manifestações artísticas que ocupam as ruas para disputar e recriar a cidade, nas diferentes formas de associação criadas a partir de relações de afeto, de solidariedade, no espírito comunitário e também como ferramenta de inserção socioeconômica.

Referências

- ANDRADE, Hanrikson de. *Com R\$ 35 milhões, Rio é a capital que mais gasta com o Carnaval; MP cobra transparência*. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/02/08/com-r-35-milhoes-rio-e-a-capital-que-mais-gasta-com-o-carnaval-mp-cobra-transparencia.htm>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- BARROS, Maria Teresa Guilhon M. de. *Blocos: vozes e percursos da reestruturação do carnaval de rua no Rio de Janeiro*. 2013. Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.
- BOUBA-OLGA, Olivier et al. Avant-propos: La proximité, 15 ans déjà!, *Revue d'Économie Régionale & Urbaine*, Bodéus, n. 3, p. 279-287, out. 2008.
- BOUTANG, Yann Moulrier. Revolução 2.0, comum e polinização. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.). *Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, p. 75-93.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. *9 A matemática do samba*. 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/assuntos/15-editoria-c/4923-a-matematica-do-samba.html>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- CLAVAL, Paul. A festa e a cidade. *Revista Cidades*, São Paulo, v.8, n. 13, 2011.
- CURIOSIDADE DE CARNAVAL (Brasil). *Manifesto do Carnaval de Rua Carioca – 2012*. 2012. Disponível em: <<https://curiosidadedecarnaval.wordpress.com/2012/12/19/manifesto-do-carnaval-de-rua-carioca-2012/>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 19 fev. 2013.
- FERNANDES, Angélica. Ousadia no mundo do samba. *O Dia*. Rio de Janeiro. 23 ago. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2014-08-23/ousadia-no-mundo-do-samba.html>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- FERREIRA DA SILVA, Thiago Rocha. *Eu quero é botar meu bloco na rua: a construção de uma cidadania da festa no carnaval de rua do Rio de Janeiro*. 2013. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FLORIDA, Richard. *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community, & everyday life*. Nova York: Basic Books, 2002.
- GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRAVARI-BARBAS, M. Nouvelles fêtes, nouveaux lieux, nouvelles spatialités. Vers une géographie des événements festifs à Paris. *Revista Cidades*, São Paulo, v. 8, n. 13, jan-jun., p. 183-206, 2011.
- KOPSCHITZ, Isabel. Mercado de carnaval no Rio tem 70% na informalidade. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 2-2. 2 fev. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/mercado-de-carnaval-no-rio-tem-70-na-informalidade-3844890>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- LUCCIOLA, Luísa. Pernas de pau viram tendência entre cariocas após sucesso no carnaval. *Extra*. Rio de Janeiro. 8 mar. 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/pernas-de-pau-viram-tendencia-entre-cariocas-apos-sucesso-no-carnaval-15529479.html>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- MAILLAT, Dennis. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. *Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 3, n. 4, p.9-16, mar. 2012.
- MARCOLINI, Barbara. Pernas de pau, uma mania que está em alta no Rio: prática virou hobby e é adotada até por profissionais contra o estresse. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 2-3. 30 mar. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/pernas-de-pau-uma-mania-que-esta-em-alta-no-rio-15732548>>. Acesso em: 5 maio 2016.

MATOS, Marcelo Gerson Pessoa de. *O sistema produtivo e inovativo local do carnaval carioca*. 2007. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia, UFF, Niterói, 2007.

MATTOS, Thiago. Com uma ala de pernas de pau, Boitatá faz seu desfile pelas ruas do Centro. *O Globo*. Rio de Janeiro. 8 fev. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/blocos-de-rua/com-uma-ala-de-pernas-de-pau-boitata-faz-seu-desfile-pelas-ruas-do-centro-15279698>>. Acesso em: 5 maio 2016.

PECQUEUR, Bernard ; BENKO, Georges. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. *Geosul*, Florianópolis v. 16, n. 32, p. 31-50, jul./dez., 2001.

PECQUEUR, Bernard ; COLLETIS, Gabriel. Révélation de ressources spécifiques et coordination située. *Revue Economie et Institution*, Université de Picardie Jules Verne, n. 6-7, p. 1-16, 2005.

PECQUEUR, Bernard. O Desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. *Revista Raízes*, Campina Grande, v. 24, n. 1 e 2, p. 10-22, jan./dez., 2005.

POIRIER, Christian ; ROY-VALEX, Myrtille. *L'économie créative: bilan scientifique et analyse des indicateurs de la créativité*. Québec : Institut National de la Recherche Scientifique, 2010.

PORTAL do Carnaval. Disponível em: <<http://www.portaldocarnaval.net.br/>>. Acesso em: 5 maio 2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. Transformando a criatividade brasileira em recurso econômico. In: REIS, Ana Carla Fonseca. (Org.). *Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 126-143.

SANTOS-DUISENBERG, Edna dos. A economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável?. In: REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). *Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*, São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 52-73.

SAPIA, Jorge E.; ESTEVÃO, Andréa Almeida de M. As redes sociais do samba e do carnaval de rua carioca. In: CONGRESSO NACIONAL DO SAMBA, 2. 2012, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: 2012, p. 202-211.

SAPIA, Jorge E.; ESTEVÃO, Andréa Almeida de M. Considerações a respeito da retomada carnavalesca: o carnaval de rua no Rio de Janeiro. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 57-76, maio 2012a.

SCOTT, Allen J. *The cultural economy of cities*. Nottingham: Blackwell Publishers, 1997.

SCOTT, Allen J.; LERICHE, Frédéric. Les ressorts géographiques de l'économie culturelle: du local au mondial. *L'Espace géographique*, n. 3, tomo 34, p. 207-222, 2005.

THÖRN, Catharina. Spotcity: a arte e a política do espaço público. *Forum Sociológico*, Lisboa, n. 21, p. 43-53, 2011.

VIVANT, Elsa. *O que é uma cidade criativa?* São Paulo: Senac São Paulo, 2012.